

PROCEDIMENTO DISCURSIVO E ORGANIZAÇÃO TEXTUAL NO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM

Abstract

This study aims at tackling the lines supporting the discursive network and the textual network explored in the teaching-learning process. We are interested in investigating: 1 – which textual linguistics propositions contribute to a possible link with the Discourse Analysis propositions and vice versa. 2 – in the integration process of these propositions, which strategies we can utilize in order to accomplish the most complete analysis of the textual network linked to the discursive net work. 3 – which factors are vital to the construction of meaning of the text. We have show that the characteristics of the text, seen as an organizational process, are linked to the features typifying the discourse as an interactional process indicating the path-maybe the safest one – toward a complete analysis of the complex discourse/text.

Key words: text. Discourse Process. Network.

INTRODUÇÃO

O título que rotula este ensaio implica uma abordagem das linhas que sustentam a rede discursiva e a rede textual no processo do ensino e, conseqüentemente, da aprendizagem.

Interessa-nos, portanto, investigar:

- 1 – que propostas da Lingüística Textual contribuem para uma possível vinculação com as propostas da Análise do Discurso e vice-versa;
- 2 – no processo de integração dessas propostas, de que estratégias podemos nos utilizar para uma análise a mais completa possível da rede textual ligada à rede discursiva;
- 3 – que fatores são determinantes da construção do sentido do texto – sentido este resultante ainda da contribuição do discurso.

Substituímos o termo dicotomia texto/discurso por intersecção texto/discurso, uma vez que a distinção entre os dois planos deve ser considerada como mero instrumento operatório para elucidar alguns aspectos essenciais da composição macroestrutural do texto, e não como distinção absoluta de dois domínios autônomos. Trata-se, antes, de dois planos inseparáveis que só uma exigência metodológica permite isolar.

Dado o fato de que aqui nos situamos na perspectiva da questão ensino/aprendizagem, nada mais pertinente, pois, do que nos render a essa exigência de natureza metodológica.

Desde a década de 60, investigações da Lingüística Textual revalorizaram as questões atinentes à existência de uma unidade lingüística superior à frase, designada por texto, numa tentativa de conceptualizar um nível de análise irreduzível, do ponto de vista semântico, a uma

mera concatenação de frases. É ainda segundo as propostas da Lingüística Textual que se faz pertinente a identificação do texto como o documento no qual se inscrevem as múltiplas possibilidades do discurso.

Com efeito, a representação do discurso concretiza-se na superfície textual – donde considerar-se o texto como repositório da carga discursiva. Ou, ainda, em parâmetros lingüísticos, cabe situar o texto no plano da história, isto é, ajustado às condições necessárias à produção do discurso.

Tem-se, pois, na fusão texto/discurso uma forma lingüístico-histórica, sendo que a abordagem da análise do discurso conjuga a língua com a história. Em relação à situação discursiva, o texto constitui-se como unidade de sentido.

Ocupando a forma mais elevada na hierarquia das unidades da linguagem – fonema, morfema, lexema, frase, texto – o texto há de ser concebido como a realização de comunicação social que integra os parceiros de comunicação, com todos os seus horizontes de experiência e de expectativa, no processo de produção e de recepção de texto.

Corroboramos as idéias até aqui ventiladas a definição de Bernardéz:

O texto é a unidade de conexão dos discursos; a unidade lingüística em que os discursos aparecem conectados entre si. Não há propriamente discurso sem que constitua parte de um texto (BERNÁRDEZ, 1995 : 73).

Completa-se a definição de Bernardéz com a afirmativa de Núñez:

Cada discurso requer e recolhe as suas formas de manifestação, que pertencem também ao âmbito do texto (NÚÑEZ y TESO, 1996, p. 207).

Tem-se, pois, no texto o material concreto

– a realização efetiva pela qual se chega ao discurso. De fato, é por meio da manifestação lingüística vazada no texto que se poderá buscar o discurso e as suas significações, entender como o discurso se engendra num processo mais amplo, determinado por questões históricas, sociais, culturais e ideológicas. Nesse sentido, o discurso é linguagem em ação, revelando a própria prática que interpela os indivíduos historicamente determinados. Não se nega, pois, um conjunto de fatores históricos, reais ou convencionais, em que o próprio texto se integra. Ou ainda: cada texto é compreensível apenas a partir de um contexto, do qual ele foi retirado e para o qual reenvia.

Texto e contexto visam caracterizar a conexão factual descrita pelo texto lingüístico. Assim, a expressão (con) textus desempenha a função de uma indicação geral, no sentido em que a compreensão de um trecho deve ser alcançada recorrendo ao “já lido” e antecipando o que está ainda para ser lido, de modo a produzir uma conexão cognitivamente coerente.

A título de lembrete, convém recapitular a definição de cognição como o processo cujos princípios são aqueles que regem o comportamento automático e inconsciente do leitor. A partir dessa lembrança, torna-se mais aceitável a afirmação de que um texto escrito não é para ser recebido passivamente; pressupõe energia de processamento cognitivo por parte do receptor. Cognição que, certamente, resultará mais eficaz se completada pela metacognição, ou seja, pelos princípios que regulam a desautomatização consciente das estratégias cognitivas ou “o pensamento sobre nosso próprio pensamento” (SMITH, 1989).

Atividades de natureza metacognitiva pressupõem reflexão e controle consciente sobre o próprio conhecimento.

É momento de lembrar que o aspecto cognoscitivo desempenha um duplo papel na dimensão comunicativa da linguagem. Assim como o conhecimento se faz necessário como objeto da comunicação, assim também serve de instrumento, ao aplicar o saber acerca da língua. Essa dupla função abre margem para a classificação do saber humano ou do conhecimento em geral em conhecimento enciclopédico e conhecimento comunicativo. O conhecimento enciclopédico é o saber adquirido através da experiência ou de uma comunicação e refere-se

a propriedades, estados, processos, fenômenos, atividades, circunstâncias e/ou ações dos seres do mundo real, assim como dos possíveis mundos fictícios. Trata-se, afinal, do mundo.

O conhecimento comunicativo ou conhecimento lingüístico fundamenta-se no que se sabe acerca da língua; compõe-se de diferentes elementos que correspondem aos níveis distintos da descrição lingüística:

- A – conhecimento fonético-fonológico para reconhecer e reproduzir os sons característicos da língua (fonologia);
- B – conhecimento morfemático para combinar os sons em seqüências significativas mínimas ou morfemas e unir esses morfemas para firmar palavras (morfologia);
- C – conhecimento lexical em combinação com a capacidade morfossintática para formar as palavras e reuni-las em orações (sintaxe);
- D – conhecimento acerca da formulação de orações e textos para reconhecer e entender os significados (semântica).

A comunicação vai além de uma mera aplicação da competência lingüística, pois, num conhecimento comunicativo, o falante não somente faz uso de seu conhecimento sistemático da língua, como também de sua competência geral acerca do âmbito em que se insere e se realiza a língua, à qual pertencem não só fatores puramente lingüísticos, mas também elementos que contribuem para a comunicação. Para que se efetive a comunicação, faz-se necessário que exista com quem (conhecimento lingüístico), além de como (conhecimento pragmático) se deve levar em conta componentes centrados nos participantes (quem), na intenção (para que), na situação (onde, quando) do processo enunciativo. O ato comunicativo só é possível quando estão presentes o conhecimento lingüístico e o pragmático.

Dado que a transmissão do conhecimento é impensável sem a existência de um processo comunicativo e que este, por sua vez, necessita de uma linguagem, a relação entre a língua e o saber é óbvia.

Uma volta à relação entre texto e discurso, aponta-nos as fonte responsáveis pela complexidade do texto: texto, contexto, fora-do-texto; o dito e o co-dito; o expresso e as entrelinhas; a

letra e o espírito; o explícito e o implícito; a estrutura e o sentido; a produção, a recepção e a interpretação.

Uma análise completa haverá, pois, de explorar tanto a face textual quanto a discursiva, tanto o contexto quanto o co-texto, tanto os elementos lingüísticos quanto os elementos discursivos. O exercício analítico-interpretativo do texto/discurso abordará as relações gramaticais internas da linguagem, bem como as relações cognitivas do conteúdo, tomando-se o texto enquanto material do mundo exterior, ao mesmo tempo que construto do mundo cognitivo interior, percebido conscientemente.

Não se trata, pois, apenas de competência lingüística, mas ainda de competência cognitiva e sócio-ideológica. Considera-se, por isso, imprópria a separação entre o imanente e o situacional, entre o semântico e o pragmático.

Confluem-se, portanto, um ponto de vista interno (dos mecanismos lingüísticos) e um ponto de vista externo (da situação e dos interlocutores).

Cumpra-se, então, uma tarefa a quatro mãos: a do estudioso do texto articulada com a do analista do discurso. Tarefa que deverá consistir em detectar as pistas – traços indicadores de todo um processo enunciativo marcado pela simbiose entre o lingüístico e o não-lingüístico.

O texto, por ser “o produto de um ato de comunicação” (CHARAUDEAU, 1992 : 631) não pode ser interpretado fora da situação comunicativa.

Para o autor, o texto

representa o resultado material do ato de comunicação, refletindo as escolhas conscientes ou inconscientes do sujeito falante em relação às categorias da língua e aos modos de organização do discurso em função das restrições impostas pela situação comunicativa (1992, p. 634).

Mantém-se a coerência pragmática ou interativa do texto pelos mecanismos enunciativos – entre os quais se distribuem as vozes que se expressam no texto (BRONCKARD, p. 1999) e que podem ser reagrupadas em três subconjuntos:

- a voz do autor empírico;
- as vozes sociais: de outras pessoas ou de

instituições humanas exteriores ao conteúdo temático do texto;

- as vozes de personagens, ou seja, as vozes de pessoas ou de instituições que estão diretamente implicadas no percurso temático (BRONCKARD, 1999, p. 131).

No jogo dessas vozes, desenrola-se a trama discursiva, dando margem ao exercício da Análise do Discurso que é, essencialmente, uma técnica que se interessa, em primeiro plano, pelo mecanismo que articula o conteúdo significativo transtextual. Efetiva, pois, não propriamente uma interpretação semântica de conteúdo, mas uma elucidação de como e porque o texto diz. Enquanto o texto exhibe um processo organizacional, o discurso se representa num processo interacional. Há, para essa interação, uma proposta de análise ajustada a vários níveis. Assim, por exemplo, explora-se o universo do discurso ou o referente do qual fala o texto; ressalta-se a sintonização entre a estrutura interna do texto enquanto discurso do produtor e o processo de interpretação enquanto discurso do receptor do texto; analisa-se, à luz da Análise do Discurso, o uso da linguagem enquanto expressiva das relações sociais assumidas pelos participantes no ato da comunicação.

Dá-se, pois, lugar à dimensão psicossocial da linguagem, numa prova, por exemplo, de que um mesmo enunciado pode resultar em efeitos diferentes, por força da relação psicossocial.

Essa mesma diversidade de efeitos de sentido pode ainda ser resultante da posição do sujeito – outro aspecto alvo do processamento discursivo da Análise do Discurso. A mesma frase dita numa empresa, por um funcionário a um colega, pode ter um significado que não teria se dita pelo chefe a um subordinado, visto que o conteúdo daquilo que se diz é resultante também do “status” dos participantes do ato de comunicação.

É necessário, pois, para uma análise completa da relação texto/discurso, identificar o sujeito em relação às suas filiações de sentido: quem é esse sujeito que fala? Ou quem é esse enunciativo? Como fala? o que lhe é próprio falar? Qual sua posição dentro da comunidade? Sua fala o que significa? O que deixa ele de falar? Que pressuposições e que subentendidos ficam nas entrelinhas de sua fala?

Passa, pois, o texto a figurar como a unidade de análise pela qual o analista do discurso atinge o sujeito e sua significação no processo enunciativo.

Faz ainda parte do dispositivo da rede discursiva do texto a relação que o texto propõe entre enunciador e co-enunciador, cujo papel é primordial na reprodução das relações sociais pelo discurso. Trata-se da chamada relação pragmática, ou seja, das relações de saber e poder em jogo. Exemplificam essa relação questões como a da distância ou cumplicidade, imposição ou liberdade, superioridade ou nivelamento hierárquico. Assim, enunciador e co-enunciador concretizam uma forma de explicitação de posicionamentos diversos, em discursos que se tecem no texto sob o signo ou da concordância ou da oposição.

Vê-se, pois, a deduzir das idéias até aqui exploradas, que está na ideologia o cerne da formação discursiva – a Análise do Discurso situando em primeiro plano a opacidade ideológica. Em cada evento comunicacional, ou seja, circunstância ou contexto que inspira um determinado discurso, surpreendem-se fragmentos ideológicos (PINTO, 1999) – apenas fragmentos, se pensarmos que, no texto, uma ideologia é nomeada (fascismo, racismo, socialismo) e não totalmente descrita.

Propõe-se, afinal, como uma das noções centrais em Análise do Discurso a ideologia – definida como um repertório de conteúdos, opiniões, posturas ou representações.

As características do texto concebido como processo organizacional, ligadas aos traços que tipificam o discurso como processo interacional, apontam o caminho, talvez o mais seguro, para uma análise completa do complexo texto/discurso.

Chega-se, então, a perceber que o constitutivo do texto não é a forma nem o estilo, mas o mecanismo em que se baseia sua coerência interna como estrutura discursiva específica. Analisa-se, pois, a língua não como um conjunto de aspectos eminentemente gramaticais, mas como um processo integral.

A esse processo liga-se esta ilustrativa definição de E. Bernárdez:

Linguística do Texto é, em sua mais simples definição, o estudo científico e linguístico das unidades em que se produz

efetivamente a comunicação verbal, quer dizer, os textos (BERNÁRDEZ, 1987, p. 6).

Por sua vez, a Análise do Discurso propõe-se como um campo ativo para os estudos linguísticos, enquanto perquiridor dos processos interativos dessa comunicação verbal ou do sentido das funções discursivas das formas linguísticas e sua relação com a aquisição da competência linguística.

Mecanismos enunciativos contribuem para a manutenção da coerência pragmática ou interativa do texto/ discurso; representam um instrumental para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos. Assim, por exemplo, o questionamento: quais são as instâncias que assumem o que é enunciado no texto? Quais são as vozes que aí se expressam? Como se mani-festam as diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) sobre esse ou aquele aspecto do conteúdo temático?

No processamento textual/discursivo, vale ressaltar as estratégias cognitivas, textuais e sócio-interacionais. Deve-se entender estratégia como uma ação que conduz a um objetivo específico, sob a dependência de condições contextuais. Diferente da regra, a estratégia funciona como uma via pela qual o produtor do texto/discurso dispõe da facilidade de optar para conseguir a eficácia da comunicação. Assim, as estratégias cognitivas, textuais e sócio-interativas representam poderoso instrumental no processamento textual/discursivo, seja no ato da produção, seja na atividade da recepção.

As cognitivas se efetivam à luz de um “cálculo mental”, daí resultando uma inferência geradora de uma informação semântica nova inspirada em dados da superfície textual.

As estratégias textuais representam-se nos processos particularmente explorados pela Linguística Textual, ou seja, a co- referênciação, a pronominalização, a sintonia tema/rema, as microestruturas, as macroestruturas (estruturas temáticas) e as superestruturas (estruturas esquemáticas).

As estratégias sócio-interacionais perseguem o alcance da interação verbal – o que se harmoniza com fatores de textualidade, tais como a intencionalidade, a aceitabilidade e a situacionalidade (BEAUGRANDE e DRESSLER, 1981).

Um certo texto particular é de um certo tipo em virtude da correlação entre elementos de sua organização (texto) e de suas condições de produção. Na Análise do Discurso, o texto é visto como um acontecimento histórico, fazendo, pois, referência ao discurso – constitui uma unidade de sentido em relação à situação discursiva. Cada discurso requer e escolhe as suas formas de manifestação, que pertencem também ao âmbito do texto.

A JEITO DE CONCLUSÃO

Ainda que se prestem a abordagens diferentes, texto e discurso estão implicados. Assim, as propostas da Lingüística Textual vinculadas às técnicas da Análise do Discurso abrem espaço para a captação do sentido do complexo texto/discurso – donde a possibilidade de ver entre os dois níveis não é um processo dicotômico mas uma engrenagem de interseccção.

É subordinada à dimensão discursiva que a dimensão textual realiza a dinamização das categorias lingüísticas – situando-se o discurso mais acentuadamente no domínio do implícito.

Fundem-se significativamente o lingüístico e o extralingüístico. E a compreensão do sentido ou dos sentidos de uma unidade textual/discursiva passa a depender tanto da estrutura físico-significativa do texto, dos apoios contextuais e situacionais, quanto da capacidade perceptiva e interpretativa do receptor cuja intencionalidade desempenha um papel decisivo.

Assim, para compreender bem o processo interativo sujeito/linguagem, relevam-se as noções texto/discurso. Em ambas, tece-se um conjunto de idéias organizadas coesa e coerentemente. Não é, pois, na materialidade lingüística que se surpreendem traços diferenciais entre texto/discurso. Distinguem-se, sim, pela maneira como o leitor ouvinte encara o objetivo de suas intenções – quando, então, o conjunto de palavras deixa configuradas essas intenções nas marcas deixadas pelo processo de enunciação na materialidade textual. Iniciam-se, pois, com a análise do texto as reflexões acerca da rede discursiva.

Para que um ato de compreensão textual/discursiva se concretize, é necessário que o sujeito reúna determinadas condições: possua a competência pragmática correspondente às

mensagens do texto e do discurso; domine traços de referência de conteúdos; busque no texto a mensagem pretendida pelo autor; utilize estratégias e habilidades adequadas ao exercício de compreensão/interpretação.

Enfim, trata-se de condições determinantes da perspicácia do sujeito, ou seja, da tendência a perceber além do que é dito explicitamente, descobrindo a idéias subjacentes e subentendidas.

Por sua vez, o texto deve:

- a – estar bem estruturado;
- b – fixar-se ao alcance de compreensão do intérprete;
- c – estar inserto em contextos situacionais apropriados, ou seja, atender ao fator de textualidade configurado na situacionalidade;
- d – não apresentar vazios nem dificuldades insuperáveis.

Uma maneira de que o leitor dispõe para se dar conta de que efetivamente captou o sentido do texto/discurso consiste em utilizar a informação adquirida por meio da leitura em tarefas que exigem verbalização, tais como parafrasear, resumir, formular e contestar perguntas pertinentes.

No processo ensino/aprendizagem – eixo de particular interesse neste ensaio – a exploração dos mecanismos intra e interdiscursivos de constituição do sentido do texto contribui para melhorar o desempenho do aluno no que concerne à compreensão e à produção de texto.

REFERÊNCIAS

- BEAUGRANDE e DRESSLER. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1985.
- BERNARDEZ, E. *Lingüística del texto*. Madrid: Arco Libros, 1987.
- _____. *Teoría y epistemología del texto*. Madrid: Cátedra, 1995.

BONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos.** Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Educ, 1999.

CHARAUDEAU, P. **Grammaire du sens et de l'expression.** Paris: Hachette, 1992.

NÚÑEZ, Rafael y TESO, Enrique del. **Semántica y pragmática del texto común.** Madrid: Cátedra, 1996.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos.** São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SMITH, J. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e o aprender a ler.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.